

O ESPAÇO PERIFÉRICO EM FOCO: AS PERCEPÇÕES DOS MORADORES DA PERIFERIA EM RELAÇÃO AOS SEUS TERRITÓRIOS E A MEMÓRIA COLETIVA

Mariane Carvalho

Mestranda em Geografia Humana (PPGH -USP)
mariane.carvalho@usp.br

Monike R. Souza

Graduanda em Pedagogia (UNIFESP)
monike.rafaela@unifesp.br

RESUMO

O artigo a seguir aborda as reflexões dos moradores da periferia da capital paulista em relação aos seus territórios. Essas reflexões foram produzidas em oficinas ministradas pelo coletivo de arte-educação e audiovisual, o Criô. As oficinas dão continuidade ao projeto iniciado em 2018 que visa investigar a memória coletiva no bairro do Jardim da Conquista, formado através do movimento de ocupação popular. Por meio das oficinas os educadores visam aprofundar a pesquisa documental, lançando as bases para uma produção coletiva desses registros indispensáveis para a valorização da memória dos moradores da periferia.

Palavras-chaves: periferia, coletivo, memória.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo corresponde às reflexões iniciais das autoras em relação aos temas concernentes à memória coletiva e a edificação das periferias, a partir dos relatos dos moradores da periferia da zona leste da capital paulista, em específico os bairros situados nas extremidades. Esses relatos foram coletados a partir de oficinas aplicadas em diferentes espaços públicos, como escolas, associação de moradores, ocupações populares e instituições culturais, abrangendo diferentes faixas etárias. Essas oficinas tinham como objetivo dar continuidade ao processo de documentação do bairro, além da divulgação dos resultados de uma pesquisa realizada no bairro do Jardim da Conquista, além da promoção de debates de temas caros às idealizadoras do projeto que integram o coletivo Criô.

Os resultados dessa pesquisa estão materializados no documentário *Conquix* e numa série de fotografias que registraram as características morfológicas do bairro e as diferentes formas de apropriação do espaço pelos moradores, durante o ano de 2018. O documentário corresponde a uma tentativa das idealizadoras em registrar a memória combativa do bairro, através dos relatos dos moradores e lideranças que possibilitaram a constituição desse território, sem deixar de evidenciar as contradições desse desenvolvimento, como o sobretrabalho, a

escassez de serviços públicos entre outros temas que atravessam a experiência dos moradores das periferias.

Mas antes de adentrarmos nas reflexões obtidas até o presente momento, é necessário resgatarmos um pouco da história da constituição do Jardim da Conquista, realizando um breve panorama histórico dos movimentos sociais na periferia e a mudança nas formas de associação e atuação dos sujeitos periféricos, inclusive para entendermos como coletivo Criô surge num momento de refluxo das lutas na arena política.

2. O CASO DO JARDIM DA CONQUISTA: UM TERRITÓRIO QUE TEM PLASMADO EM SUA TOPONÍMIA A LUTA POR MORADIA

As periferias da metrópole paulista apresentam particularidades em suas morfologias, devido às próprias características físicas do sítio geográfico onde estão situadas, além do processo de constituição das moradias, de edificação desses espaços em si. As próprias características socioculturais são um dos fatores de diferenciação, apesar de compartilharem códigos, semânticas que plasmam uma consciência, um reconhecimento por meio da realidade periférica, as periferias se diferenciam amplamente (D'Andrea, 2013:139).

Apesar dessas especificidades, estas de uma forma ou de outra são expressões da acumulação ampliada de capital, onde a venda do espaço se apresenta como um dispositivo de obtenção de renda, quando não de produção do valor, resultando na disputa do espaço, sobretudo das áreas mais bem equipadas. No decorrer do século XX essas disputas se aprofundaram, sobretudo nas áreas centrais em decorrência da pujança da economia industrial e da importância da produção do espaço para a própria alocação da acumulação capitalista, que impulsionou o desenvolvimento horizontal da cidade de São Paulo - através da dialética metropolização-periferização.

Impelida por diferentes sobredeterminações as populações subalternizadas foram segregadas para as margens da cidade, devido a impossibilidade dos trabalhadores arcarem com os custos das moradias nas áreas mais bem equipadas. O avanço da especulação imobiliária, além da existência dispositivos jurídicos¹ contribuíram para a conformação dessa lógica perversa. Para prover o acesso à moradia, os trabalhadores tiveram que comprometer parte significativa de suas rendas, além de enfrentar as condições adversas de vida, marcadas pela

¹ As leis de 1942 e 1964 - chamadas "leis do inquilinato" foram responsáveis pelo congelamento do preço do aluguel.

intensa exploração do trabalho e do sobretrabalho, sem mencionar a espoliação urbana como consequência da ausência de serviços urbanos básicos (Kowarick, 2017:63).

A questão da moradia emerge durante o apogeu da economia de base industrial no país, que atraiu milhares de trabalhadores despossuídos pelos desdobramentos da modernização capitalista em busca de melhores condições na metrópole paulista. Porém em detrimento da ausência de políticas públicas voltadas para o provimento do acesso à moradia um contingente expressivo desses trabalhadores estavam tolhidos da possibilidade de acesso à habitação, pois as formas disponíveis eram via mercado imobiliário, exigindo um comprometimento da renda incompatível com as realidades das classes trabalhadoras.

Uma das alternativas encontradas pelas classes trabalhadoras para o acesso à moradia na capital paulista foi via autoconstrução em lotes precários nas regiões afastadas do centro. Este processo apresentou inúmeras contradições, como o alinhamento a lógica da produção do espaço como meio de valorização do capital, pois possibilitou que áreas antes menosprezadas pelo mercado imobiliário entrasse no 'circuito comercial', e do ponto de vista do Estado, garantiu o mínimo de investimento deste em provimento da habitação social.

Na zona leste da capital, a disputa pelo espaço para prover o acesso a moradia da classe trabalhadora teve novos impulsos com o boom do desenvolvimento industrial no ABC paulista nas décadas de 1950-1960, região que nos anos subsequentes concentrava taxas superiores às da metrópole paulista de trabalhadores empregados no setor industrial, contribuindo para o afluxo de trabalhadores para esta porção da cidade de São Paulo (Sousa, 2021:107). Nos anos 1980 os movimentos sociais por moradia eclodiram nesta região, influenciados pelas organizações operárias que estenderam as formas de atuação política para além do espaço da fábrica, compreendendo o urbano - o bairro como dimensão importante da luta. A capilaridade desses movimentos sociais, impulsionada também por um contexto de intenso arrocho salarial, foram responsáveis pelo surgimento de inúmeros bairros originários dos movimentos de ocupação popular na região de São Mateus como a Fazenda da Juta e próprio Jardim da Conquista (Almeida, 92: 2013).

A ocupação do antigo sítio pertencente à Gleba Carrãozinho, atual Jardim da Conquista, ocorreu entre os dias 26 e 29/03/1989, como resposta há anos de organização e mobilização política dos movimentos sociais ligados à CEBS e as Pastorais por moradia. A instituição de lideranças políticas possibilitaram que este movimento fosse altamente organizado, tanto que nos primórdios da ocupação os moradores já tinham pré-estabelecidas as áreas de uso coletivo do bairro, como praças, avenidas, escolas, sem mencionar o respeito às áreas de mananciais (Moreira, 2003:75). Além disso, os moradores foram responsáveis pelo desmatamento da área

e pela abertura dos primeiros loteamentos e arruamentos, algo mencionado por Magnólia uma das lideranças históricas desse movimento.

A ocupação foi realizada por um grupo de 29 pessoas, porém em poucos anos a comunidade cresceu exponencialmente, em consequência da capilarização dos movimentos sociais na região, que tinham células de atuação nos bairros de São Miguel, Cidades Tiradentes, Parque São Rafael, Boa Esperança e Carrãozinho, atraindo pessoas de diferentes localidades, num contexto de acirramento da questão por moradia em decorrência do arrocho salarial e o avanço do desemprego associado à reestruturação produtiva (Almeida, 2013:92).

Os próprios pioneiros da ocupação contribuíram para este crescimento, ao chamarem familiares e amigos para compor o movimento. As reuniões semanais das lideranças nas paróquias, as organizações dos mutirões contribuíram para união da comunidade para reivindicação por serviços públicos, como pavimentação e implementação das primeiras linhas de ônibus. Um dos fatores essenciais para a permanência e valorização da ocupação foram os anos em que a Erundina foi a prefeita de São Paulo (1989-1992). Apesar desse fortalecimento advindo da orientação política da municipalidade no período, esta modalidade de provimento a moradia estavam circunscritos a lógica capitalista de produção da cidade, a onde áreas carentes de serviços urbanos, com características geográficas indesejadas como topografia íngreme e proximidade à área de mananciais são relegadas as classes trabalhadoras, como denota Almeida:

[...]a classe trabalhadora, por estar excluída do mercado legal de habitação, é submetida a um tipo de moradia que não contempla água encanada, luz elétrica, esgoto tratado, asfalto nas ruas, escolas, creches, hospitais etc. Era em meio a essa conjuntura que os grupos de moradia que ocupam o Jardim da Conquista estavam envolvidos (100:2013).

Devemos ressaltar que, essa estrutura organizacional não apenas influenciou o desenvolvimento do bairro, mas também foi essencial para o enfrentamento das adversidades enfrentadas por uma comunidade incipiente numa área ainda marcada pelos elementos rurais. Os moradores tiveram que conviver durante anos com sistemas de abastecimento de água e luz precários, eram necessários revezamento, sobretudo entre as mulheres, entre as que seriam responsáveis por buscar água ou cuidar das crianças, algo relatado pelas moradoras do Jardim da Conquista. Momento de intensa espoliação das trabalhadoras, pois esses sistemas de abastecimentos eram improvisados, havia uma mangueira que bombardeava água do bairro do Parque Boa Esperança para o Jardim da Conquista, mas em decorrência das características topográficas do bairro não atendia as necessidades dos moradores localizados nas áreas de

maior altitude, sendo necessário o deslocamento diário para áreas improvisadas para o acesso a água.

Essas formas de organização influenciaram na formação das relações de vizinhança, essenciais para o andamento da vida cotidiana, sobretudo num contexto periférico que os sujeitos têm que superar diferentes adversidades, ou simplesmente precisam de uma rede apoio dos vizinhos para receber encomendas, vigiar a casa em períodos de ausência prolongada, entre outros fatores.

As lideranças femininas tiveram um papel fundamental para a consolidação da ocupação em bairro popular, Magnólia uma das líderes comunitárias do bairro foi a responsável pela organização da mobilização por transportes e esteve frente a frente na negociação pela implantação de uma das UBS (Unidade Básica de Saúde) do bairro. Os nomes das travessas do bairro, que difere de outras localidades da metrópole de São Paulo, também reflete o poder organizacional das líderes comunitárias, Vera Sacles² e seus vizinhos foram os responsáveis por coletar os 2.000 títulos de músicas que nomearam as travessas, sendo também um marcador temporal do bairro.

Apesar do Jardim da Conquista ser expressão das lutas dos movimentos sociais, este não deixa de encarnar a lógica segregadora da produção do urbano, expresso na própria política de regulamentação do lote³, iniciada após 15 anos de existência do bairro, quando este já contava com uma população expressiva de 40.000 habitantes (Moreira, 2003:76-77). Este processo apresentou diversas contradições, pois apenas o lote foi regularizado e não a moradia, além disso, aqueles que não conseguem arcar com estes custos estabelecidos pela Companhia Metropolitana de Habitação do Estado de São Paulo (COHAB), proprietária legal do terreno, se encontraram numa situação vulnerável, alguns foram removidos, como ocorreu em 2009 em decorrência das obras de expansão do Rodoanel, algo registrado por Almeida:

Na região do córrego Mombaça - Jardim da Conquista - várias famílias foram retiradas de suas residências para dar espaço à obra viária. Algumas foram ressarcidas dos gastos que tiveram na construção de suas casas "irregulares"- ressarcimento, diga-se de

² Em entrevista para o SPTV, Vera Sacles revela como se deu a escolha das músicas que iriam nomear as travessas. mais informações em <https://g1.globo.com/sao-paulo/parceiro-sp/noticia/2014/02/musicas-de-sucesso-dao-nome-ruas-de-bairro-em-sao-mateus.html>. Em uma das oficinas ministradas, a professora da escola estadual Brenno Rossi, integrante de uma das primeiras famílias ocupantes do Jardim da Conquista revela como foi esse processo de atribuição dos nomes as travessas, esta nos informou que estas seguem uma ordem alfabética, acompanhando desde do sopé ao lado oposto da vertente do morro que está situado o bairro, marcado por sua topografia íngreme.

³ Este processo de regulamentação dos lotes é moroso, em decorrência das próprias contradições dos dispositivos jurídicos do Estado. A contradição entre uma área dita como "ilegal" e legal foram produzidas pelo próprio Estado que falhou em oferecer alternativas para a habitação popular, devido ao seu alinhamento com interesses do mercado imobiliário. Na perspectiva dos moradores a legalização do lote significa a permanência na localidade, além de ser uma garantia, inclusive perante ao Estado.

passagem, insuficiente. Tanto que a maioria delas precisou voltar a pagar aluguel. Outras receberam a bolsa aluguel da prefeitura e ainda hoje guardam o direito de dispor novamente de uma casa própria. As famílias que ficaram no local, próxima à obra, tiveram problemas com a estrutura de suas residências (107:2013)

Apesar das contradições apontadas ao longo do texto o movimento de constituição do Jardim da Conquista, corresponde a uma vitória das formas de organização das classes trabalhadoras, sendo um marco importante da ação direta e radical dos movimentos sociais, já que esta era uma área que estava destinada a promoção de moradia popular via CDHU, porém a morosidade do poder público e o projeto proposto pelo CDHU, que previa a construção de apenas 106 edições, foram fundamentais para a tomada de uma decisão mais assertiva pelas lideranças dos movimentos sociais, cientes da precariedade e da insegurança que muitos sujeitos subalternizados estavam submetidos, devido ao avanço do desemprego e por estarem situados numa metrópole voltada pelos interesses do mercado imobiliário (Almeida, 95:2013).

Apesar do descenso dos movimentos sociais na região, sobredeterminados por diferentes razões, que serão previamente discutidas no tópico seguinte, a mobilização continua, mesmo não estando diretamente ligados à esfera da luta política, mas que não deixam de contribuir para conformação de uma concepção estética comprometida com a liberdade com outras formas de vivenciar o urbano.

3. O REFLUXO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA PERIFERIA OU A CONFORMAÇÃO DE NOVAS FORMAS DE ASSOCIAÇÃO? O CASO DO COLETIVO CRIÔ

As mudanças ocasionadas pela reestruturação produtiva, o declínio do emprego formal na metrópole, tiveram repercussões profundas nas periferias, pois a sua constituição enquanto espaço social da classe trabalhadora teve como pilar o trabalho formal. O binômio emprego/casa, correspondeu a uma forma típica de reprodução da classe trabalhadora na metrópole, mas às custas de intensos sacrifícios para a concretização desse projeto, incluindo a combinação com outras modalidades de trabalho precarizado. Ter acesso a moradia, mesmo que precária, representa uma garantia mínima frente às adversidades da metrópole, correspondendo também a um mecanismo de projeção social dos indivíduos (D'Andrea, 2013:152).

O avanço do desemprego na metrópole, da informalidade e da precarização do trabalho, impulsionadas pelo avanço das políticas neoliberais no país, enfraqueceram o trabalho enquanto referencial de formação da identidade dos sujeitos. Mas houve uma transposição para periferia,

que revela como o urbano é vivenciado, como um marcador social e de formação da identidade, onde as condições sociais e uma experiência comum marcada pela precariedade, geraram uma solidariedade/empatia no plano das interações sociais (D'Andrea, 2013:153).

Esta transposição citada pelo autor, também é consequência do refluxo dos movimentos sociais, inclusive determinados pela transferência do combate político nas ruas à esfera institucional, associado às práticas de aliciamento das lideranças dos movimentos sociais. Devemos salientar que essa transposição também refere-se a um posicionamento ético-político, por estar associado ao reconhecimento e/ou a compreensão do que é ser um morador da periferia, portanto corresponde a uma leitura acerca da segregação socioespacial.

Este posicionamento ético-político centrado na condição periférica não emergiu no abstrato, sendo resultado da diversificação das formas de associação neste espaço, compreendendo o campo da cultura como plataforma importante para conscientização das questões sociais que atravessam a existência dos moradores nestas áreas segregadas da metrópole. O movimento Hip Hop, foi propulsor dessa transformação, responsável também por uma inversão na lógica vigente nos debates a acerca periferia:

Não se pode discorrer sobre novos significados para o termo periferia sem discorrer sobre a narrativa escrita pelo grupo de Rap Racionais MC's.
No ano de 1989, eles lançaram seu primeiro disco. Nele, o rap "Pânico na zona sul", já em seu primeiro verso, indicava uma luta por legitimidade nas classificações: "só quem é de lá sabe o que acontece". O verso aponta para uma nova postura dos moradores da periferia: a tentativa de estabelecer uma narrativa própria sem a necessidade de mediadores. Estavam lançadas as bases para uma epistemologia periférica [...] (D'Andrea, 2020: 22)

O movimento Hip Hop emerge no Brasil como uma forma de contestação, denúncia em relação ao aprofundamento da violência como uma das consequências da precariedade instituídas pelo avanço das políticas neoliberais no país, num contexto social instável de avanço do desemprego entre as classes trabalhadoras. Em sua tese de doutorado Tiaraju Pablo D'Andrea (2013) analisa a obra do Racionais Mc's como divisor de águas para o fortalecimento da palavra periferia/periférico como um importante demarcador social, sobretudo num contexto de fortalecimento das ideologias pró-mercado, que negavam a possibilidade de alternativas. Afirmar-se como pertencente à periferia correspondia evidenciar o conflito, marcado pelo racismo, segregação socioespacial, que influenciou na forma de experienciar o urbano.

Os desdobramentos desse movimento cultural e político, aprofundou o significado da palavra periferia, que passou a englobar também a potência e a cultura, essenciais para a reorientação dos sujeitos num contexto de desagregação social. Assim o fortalecimento do movimento Hip Hop e do conceito de periferia, sobretudo em sua acepção positiva possibilitou

a emergência de novos movimentos socioculturais, que tinham como intuito a valorização da periferia, como espaço da inventividade, de inúmeras formas de manifestação e associações:

[...] com o passar do tempo, a heterogeneidade interna desse território passou a se expressar de modo cada vez mais evidente. Assim sendo, a partir do segundo quinquênio dos anos 2000, periferia, periférica e periférico passaram a ser utilizados como adjetivo por uma série de agentes sociais não necessariamente ligados à produção cultural e denotando tanto uma posição política como um estilo de vida.

Através desse precedente aberto pelo movimento Hip Hop, ocorreu na periferia nos últimas décadas uma irrupção de atividades culturais, de saraus, cineclubes, grupos de teatro, dança e literatura marginal, entre outras modalidades. Porém, apenas o fazer artístico não era suficiente, então esses grupos passaram a lutar por políticas públicas para o fortalecimento dessas atividades, que são as responsáveis por democratizar o acesso à cultura de qualidade nos territórios segregados da capital paulista. Essas lutas se iniciaram na construção de fóruns de debate e se espalharam por diferentes cantos da metrópole, sendo primordiais para a formalização de leis voltadas ao fomento das práticas culturais periféricas⁴. Através desse caminho trilhado pelos sujeitos periféricos emerge o coletivo de arte-educação e audiovisual Criô, tendo como uma de suas principais concepções ético-estética o fortalecimento das formas de expressão artísticas periféricas e a valorização da memória coletiva.

4. O COLETIVO CRIÔ

O coletivo Criô surgiu a partir das trilhas de extensão do programa Fábricas de Cultura, pertencente à Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, voltado à economia e indústrias criativas, sendo um dos primeiros espaços de formação audiovisual do grupo. A proposta de formação de um coletivo nasce da necessidade de desenvolver um espaço de criação coletiva, pensando na importância da coletividade para construção, articulação e concretização das pesquisas individuais de seus integrantes, essa necessidade sendo um reflexo da falta de estrutura e recursos na periferia. Em 2014 o coletivo inicia seus primeiros encontros, para organização de estratégias de estruturação do próprio coletivo, o resultado desses encontros foi o início da escrita do primeiro projeto em 2015, intitulado como “*Projeto Memória*”, idealizado para inscrição nas leis de fomento a cultura da cidade de São Paulo, sendo escolhido

⁴ Uma dessas leis que foram criadas através da associação dos grupos de cultura periférica foi a lei 13.540 e regulamentada pelo decreto 43.823/2003, que instituiu o Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais - VAI, que tem como finalidade apoiar financeiramente, por meio de subsídio público, atividades artístico-culturais promovidas preferencialmente por jovens de baixa renda em territórios carentes de equipamentos culturais.

inicialmente o Programa VAI, por ser um programa de financiamento de projetos artísticos culturais, principalmente articulados por jovens e adultos da periferia do município. A escrita do projeto se estende até 2016, quando o grupo se inscreve para o edital do programa VAI I, não sendo selecionado por ter se inscrito na categoria inferior a que se enquadra. Em 2017 mais uma vez não é selecionado e é quando o coletivo decide iniciar a pesquisa de forma independente. No ano de 2018 o coletivo é contemplado pelo programa VAI II, com a pesquisa já em andamento.

O *Projeto Memória* surge com intuito documentar a memória oral e coletiva da construção e desenvolvimento do Jardim da Conquista. A pesquisa inicial foi realizada através dos acervos fotográficos dos moradores, o bairro foi escolhido como foco de pesquisa por ser um território afetivo aos integrantes do grupo, onde nasce e cresce Monike Raphaela, uma das integrantes do coletivo, bairro vizinho ao da Larissa Souza, também integrante do coletivo. Monike fez parte da primeira geração que nasceu no bairro após o início do processo de ocupação do mesmo.

Em trocas com coletivo foi possível refletir as singularidades das vivências de quem constrói e desenvolve um bairro que surge do movimento de ocupação popular, através dessas experiências foi possível identificar um o déficit de documentação da memória coletiva desse bairro. Essas reflexões nortearam o *Projeto Memória*, resultando na documentação de parte das perspectivas dos moradores em relação a formação do Jardim da Conquista. Essa pesquisa acaba se materializando em uma média-metragem documental, uma exposição analógica e fotolivro. Esse material foi base para um ciclo de apresentações itinerantes, com montagem da exposição fotográfica e exibição do documentário *Coquix*. Em março de 2020 é anunciada a pandemia mundial e quarentena, fazendo com que as atividades do coletivo se desaceleram, após alguns meses iniciam atividades virtuais, como oficinas, festivais de cinema e exposição virtual. Em 2021 iniciam atividades híbridas, seguindo as normas sanitárias estabelecidas na época, com as intervenções de lambe lambe nos bairros de Itaquera, São Mateus e Itaim Paulista, intituladas “Ilustra Quebrada”, além de oficinas e exibição do documentário em espaços museológicos. Em 2023 inicia a escrita do projeto Conquix em RV (Realidade Virtual), com o intuito de dar continuidade à pesquisa iniciada em 2018 e ampliar o acesso do material já documentado, com foco na periferia da zona leste de São Paulo, sobretudo os bairros vizinhos ao Jardim da Conquista.



Imagem 1. Registro fotográfico analógico coletado do acervo particular dos moradores do Jardim da Conquista durante a pesquisa do Projeto Memória em 2018. Essa fotografia integra a exposição em realidade virtual, utilizada na proposta didática da oficina.



Imagem 2. Registro fotográfico analógico realizado durante a pesquisa do Projeto Memória em 2018. A produção analógica teve como finalidade dialogar com material fotográfico cedido pelos moradores. Essa fotografia também integra a exposição em realidade virtual, utilizada na proposta didática das oficinas. Ao longo das oficinas foram identificadas as *gramáticas* desenvolvidas pelos moradores de periferias. O *grau*, por exemplo, que é uma atividade ligada ao lazer dos jovens também é denominado por estes de 244.

5. CONQUIX EM REALIDADE VIRTUAL: A METODOLOGIA DAS OFICINAS

O projeto *Conquix* em RV (Realidade Virtual) surge com o objetivo de fomentar reflexões sobre a identidade e a memória em territórios de ocupação popular. Através da prática artística educacional, o projeto visa registrar e compartilhar, por meio do mapeamento as informações não catalogadas sobre bairros de ocupação popular, fomentando o exercício de pertencimento com o bairro, exaltando a história dos movimentos populares e dos sujeitos que os constituem, com o intuito de desmistificar as ideias sobre os movimentos populares por moradia, promovendo uma reflexão sobre a geografia periférica e sua relação com o social, além de democratizar o acesso a espaços museológicos e as ferramentas tecnológicas.

Tendo como base a metodologia triangular e de descolonização do processo⁵ criativo de Ana Mae Barbosa (2023), a proposta didática foi construída visando abarcar as seguintes pautas: memória; corpos negros e a cidade; periferia; ocupação popular; acesso a tecnologia e estética periférica.

A fim de alcançar os objetivos estabelecidos a oficina foi estruturada em etapas compreendendo diferentes formas de interação didática:

- 1) *Apresentação e acolhimento*: O objetivo é conhecer o grupo, mapear o alcance da atividade, além de introduzir pontos centrais de discussão da oficina. Inicialmente é perguntado o nome e rua dos participantes, apresentação dos objetivos e a dinâmica da oficina. Três questões disparadoras são levantadas para fomentar o debate, essas questões são: *O que é território? O que é memória? O que é realidade virtual?*
- 2) *Desenvolvimento*: O desenvolvimento foi separado em três eixos, seguindo a proposta triangular de Ana Mae Barbosa, com a proposta de *ler*, *conceitualizar* e *praticar*, sem uma ordem a ser seguida. No eixo de leitura/apreciação foi construído uma exposição em realidade virtual, com a pesquisa realizada pelo coletivo até 2019, que pode ser acessada pelo grupo através de óculos de realidade virtual. No eixo de conceitualizar foi elaborado um jogo de cartas, que

⁵ O texto *Zorzal e Basso, Perspectivas Decolonial e Abordagem Triangular* faz parte do livro *Criatividade coletiva: Arte e Educação do século XXI*, organizado por Ana Mae Barbosa e Annelise Nani Fonseca, utilizado enquanto referência para construção da metodologia das oficinas em conjunto do texto *Processo Criativo na Perspectiva da Neurociência*, que se propõe a discutir os reflexos do meio no desenvolvimento do processo criativo dos indivíduos, elaborando estratégias para a construção de uma educação decolonial incluindo o processo criativo, centrado na autonomia do educar para construção de metodologias em um processo genuinamente criativo.

era utilizado como recurso para levantar as pautas de discussão pensados anteriormente, as cartas contêm questões e imagens disparadoras, para fomentar o debate com os grupos. Esse espaço de debate pretende estabelecer um contato de escuta ativa entre os participantes, buscando aprofundar suas reflexões sobre a realidade em que estão inseridos - ao mesmo tempo em que busca entender que cenário é esse - bem como suas potencialidades. A ideia é que, por meio do jogo de cartas e com o auxílio de perguntas disparadoras, os educadores busquem fomentar os debates em relação às percepções sobre os bairros e sua relação de pertencimento. A educadora também tem a função de atribuir significado às falas que foram sendo levantadas para o aprofundamento da conversa. No eixo de prática os grupos eram convidados a realizar a documentação das memórias individuais e coletivas sobre o próprio bairro, foi elaborado um mapa de cada localidade ao qual a oficina foi realizada. Em cada mapa foi construída uma cartografia afetiva do bairro de forma coletiva, onde todo grupo intervinha no mesmo material.

- 3) *Encerramento*: O encerramento tem a função de amarrar as questões que surgiram durante a oficina, retornando às questões levantadas inicialmente: *o que é território? O que é memória? O que é realidade virtual?* Buscando, por meio da reflexão do participante, restabelecer relações com o que foi dito no início da oficina e entender os resultados da proposta na percepção do público com relação às discussões abordadas nos diferentes eixos temáticos.

6. O TERRITÓRIO PERIFÉRICO EM FOCO

Neste tópico apresentaremos uma panorama geral das questões que emergiram ao longo das oficinas ministradas em bairros periféricos da zona leste da capital paulista. Foram necessários selecionar parte dos resultados para adequação a proposta deste trabalho, como as oficinas correspondem a extensão do *Projeto Memória*, os resultados ainda estão em processo de formulação a serem divulgadas no site do coletivo (coletivocrio.com.br). Até o presente momento foram realizadas 40 oficinas, envolvendo diferentes educadores provenientes das periferias da capital paulista.

A mediação das oficinas tem como objetivo refletir sobre a memória da constituição das periferias, tendo como base para construção desse raciocínio a história de formação do Jardim

da Conquista. Uma das intencionalidades pedagógicas é evidenciar como este território plasma a luta dos trabalhadores por moradia e como suas características estéticas - arquitetônicas são expressões dos saberes populares e das formas de associação dos moradores, a fim de salientar que estes espaços foram concebidos coletivamente.

As características arquitetônicas-estéticas das periferias revelam as formas de associação dos moradores, mesmo quando os bairros não são provenientes de ocupações populares, algo identificado pelos participantes de origem periférica, por ser uma característica comum a estes. A partir dessas questões gerais, pretendíamos refletir sobre a memória coletiva que estes espaços abarcam, algo frequentemente negligenciado pelo poder público:

O silenciamento sobre a periferia e sobre a classe trabalhadora e suas histórias de luta que configuram a memória da rebeldia, tem uma razão de ser nas políticas públicas: o patrimônio como ato autorizado tem servido à manutenção do status quo e à reprodução das relações desiguais no mundo social. Por meio dele, a classificação que hierarquiza as classes sociais é legitimada e naturalizada. As políticas de patrimônio cultural no país contribuem, assim, para a manutenção das relações de dominação e de exploração das classes subalternas e para reprodução de desigualdades sociais. (Scifoni: 594, 2023)

Em decorrência da própria ausência de referenciais⁶ acerca da constituição dos bairros periféricos⁷, e as experiências espoliativas associadas a este espaço há uma desvalorização subjacente da memória coletiva periférica, uma das intencionalidades da oficina é inverter esse raciocínio, nem sempre possível em decorrência dos limites impostos pelo tempo de realização deste trabalho, mas acreditamos que as bases para um projeto que visa valorizar a história dos movimentos sociais e dos trabalhadores estão lançadas. As contradições que emergiram nos servem de base para dimensionar a produção da pesquisa, a seguir apresentaremos alguns resultados obtidos em duas oficinas aplicadas em escolas próximas ao bairro do Jardim da Conquista.

⁶ Quando afirmarmos que existe uma ausência de referenciais sobre a constituição da periferia, nos referimos a documentação, catalogação do registro fotográfico e a organização desses materiais em museus, em materiais didáticos, entre outros espaços formativos da opinião pública. Apesar do âmbito acadêmico ser um dos principais responsáveis pelo registro histórico, pelo debate acerca da periferia nem sempre suas produções chegam aos sujeitos que pertencem a estes territórios, quando chegam são mediadas por intelectuais orgânicos. Nosso papel enquanto sujeitos periféricos, na acepção empreendida por Tiaraju Pablo D'Andrea, corresponde a dar continuidade a este movimento, de influência, de convergência entre o debate acadêmico e ação prática dos movimentos sociais e coletivos, porém a partir desse novo período histórico, de ocupação da universidade pública por estudantes *periféricos*.

⁷ Reconhecemos que a formação da periferia combina diferentes agentes e processos históricos, nem todos os espaços foram provenientes de movimentos de ocupação popular, porém partir dos bairros que se originam através das lutas dos trabalhadores por moradia apresenta a intencionalidade de evidenciar o papel da ação coletiva para transpor as adversidades que nos acomete, constituindo também um exercício de vislumbrar o possível, uma outra alternativa aos limites impostos pelo Estado e o capital. Além disso, corresponde a um exercício de inversão das narrativas, a qual os periféricos são compreendidos como sujeitos de seu devir histórico.

Uma das instituições de educação que foram escolhidas para a aplicação das oficinas foi a Escola Estadual Brenno Rossi, localizada no bairro do Parque Boa Esperança, território limítrofe ao Jardim da Conquista, sendo uma das poucas escolas com ensino médio na região, incluindo também a modalidade EJA - educação de jovens adultos. As reflexões a seguir são referentes a uma turma do EJA, a oficina foi realizada no dia 29 de abril de 2024:

- Durante a conversa mediada pelos cards, que neste dia, seguiu uma determinada sequência, focada sobretudo nas imagens e questões referentes ao movimento de ocupação popular e a edificação da periferia. Apesar da maioria dos participantes não serem do Jardim da Conquista há uma identificação com paisagem desse local, em decorrência das similaridades do processo de formação da periferia, marcada pelo seu crescimento desordenado, a onde as casas transbordam às ruas ou travessas, também como uma expressão do déficit habitacional, marcada pelo adensamento de casas, algo rapidamente identificado pelos participantes como característica da arquitetura periférica.
- Foi identificado como as casas vão sendo construídas aos poucos em convergência com as mudanças do custo de vida, que são sempre desiguais - algo sintetizado pela fala de um estudante: "*vai vivendo - vai construído*". Durante esse momento um estudante se referiu às construções na periferia: "*nós que somos os engenheiros*".
- Em um determinado momento os debates entraram nos distintos momentos do Jardim da Conquista, sobretudo os anos iniciais de formação da comunidade. A violência era um fenômeno que assolava diferentes bairros da periferia nos anos 90, apesar de associadas ao período de intensa crise social, em decorrência do avanço do desemprego, do arrocho salarial, essa se manifestava de diferentes formas, envolvendo distintos grupos sociais. Os estudantes que vivenciaram esse trágico período afirmam que a violência desencadeada por rixas entre *quebradas* eram comuns, para além da violência perpetrada pelo Estado e suas milícias, os chamados grupos de extermínio. Uma das participantes referindo-se a este período de acirramento do genocídio da população periférica disse: "*Quando havia feriado prolongado, você sabia que ia encontrar corpos pelo Conquista*". Este período deixou marcas profundas nos moradores das periferias, tanto que a questão da violência também apareceu ao longo do mapeamento.
- As memórias sobre a violência não foram as únicas evocadas ao decorrer da oficina, entre os atuais e antigos moradores do Jardim da Conquista, estes também lembraram da ausência de serviços públicos básicos, como ausência de asfaltamento e de sistemas

de abastecimento de água, uma das estudantes, uma mulher nordestina, disse referindo a esse período: "*nunca pensei que ia carregar água na cabeça em São Paulo*".

- Outro elemento evocado pelos estudantes foi a permanência da precariedade, mesmo após a implementação de melhorias urbanas e de serviços públicos; a pracinha do bairro não tem manutenção e está degradada, falta acolhimento à população de rua. A pracinha também é um espaço de conflito de usos, que nem sempre os moradores estão dispostos a dialogar. O bairro periférico de maneira geral é percebido pelos estudantes como precário.
- Algo identificado pelos estudantes também em relação às mudanças ocorridas na periferia foram as concernentes às formas de interação social, hoje estão muito mediadas pelas telas, as próprias crianças não se apropriam mais das ruas como antigamente. Um estudante também identificou como as próprias formas de sociabilidade se tornaram mais privadas, antes era bem fácil para ele encontrar um time de várzea para jogar, atualmente é necessário conhecer alguém que já esteja associado a algum time.

Os pontos discutidos pelos estudantes tiveram como base os cards com as fotos e as questões disparadoras que utilizamos para a mediação da oficina, por isso os temas das reflexões são díspares, mas ainda relevam as características pertencentes a realidade periférica, tanto em relação a sua constituição, como as formas de sociabilidades possíveis. Uma das questões mais recorrentes eram as concernentes a violência, expressando como este fenômeno é desagregador e deixam marcas profundas na memória coletiva dos moradores. Mas também nos revela a influência dos aparelhos ideológicos na formação da opinião em relação às periferias, que constroem narrativas estigmatizadas em relação à realidade dos moradores dessa área.

Outra instituição de ensino que realizamos as oficinas foi o CEU⁸ São Mateus localizado também no Parque Boa Esperança. Neste espaço foi possível termos contato com estudantes pertencentes ao Ensino Fundamental II, portanto suas percepções e vivências diferem ao dos estudantes pertencentes a modalidade EJA, a oficina foi realizada no dia 16 de abril de 2024:

- Por meio da retrospectão, os educandos identificaram mudanças nas formas de apreensão e utilização do território, em específico o Jardim da Conquista, neste encontro todos os educandos eram moradores deste bairro. Como as tecnologias passaram a atravessar o cotidiano dos moradores, sobretudo crianças, estes veem uma perda do uso lúdico do território, as brincadeiras de rua são substituídas por jogos nos celulares - que

⁸ Centro de Ensino Unificado.

também contribuem para uma sensação de insegurança no bairro, já que também a rua está sendo menos apropriada.

- Outra reflexão realizada pelos educandos, é como a chegada de serviços públicos também modificaram as formas de apropriação, de brincadeiras de rua, passando a centralizar esse tipo de atividades em seus espaços, em específico o CEU São Mateus. que recentemente incorporou uma pista de skate que estava aberta ao público e uma quadra, as motivações para esse empreendimento foram os conflitos de uso - associados sobretudo ao uso de drogas por estudantes da própria instituição de ensino, restringindo a possibilidade de uso dos demais moradores, que só podem utilizar os equipamentos do CEU nos finais de semana.
- O uso dos óculos de realidade virtual, por meio da exposição interativa, os educandos identificaram figuras que marcam o território do Jardim da Conquista, figuras que no dia a dia da vida cotidiana passam despercebidas, porém por intermédio das fotografias foi possível identificar a permanência, a presença dessas figuras em seus memórias e vivências pelo bairro, como vendedor de algodão doces; o principal borracheiro do bairro, são exemplos. Nem sempre reconhecem a origem dos nomes das ruas, apenas uma educanda soube o significado, mas nem por isso deixam de reconhecer outros sujeitos que formam o bairro do Jardim da Conquista.
- Durante a atividade dos cards as reflexões foram variadas, um educando em específico conseguiu associar a largura das vielas a uma característica típica dos bairros de origem periféricas, como as construções influenciam nas formas de apropriação.
- No meio da atividade dos cards e na produção do mapa, onde indicam lugares importantes para os moradores do Jardim da Conquista, foi possível identificar uma limitação das possibilidades de apropriação impostas pelas características próprias de uma bairro periférico, onde os serviços públicos são escassos e as áreas de lazer limitadas, predominando atividades ligadas ao comércio popular desenvolvido pelos próprios moradores. Quando não as próprias travessas têm seus usos ampliados para as atividades de lazer, por meio do GRAU ou simplesmente para a realização de um bairro funk.
- Uma das educandas expressou com as próprias características do sítio geográfico do Jardim da Conquista podem oferecer formas de apropriação e de contemplação do espaço, sobretudo quando há espaços que possibilitam esses tipos de atividades, também ligadas ao encontro como a praça.

Do começo ao fim da atividade é possível identificar que apesar de não estarem familiarizados com o conceito de território, os educandos vivenciam o significado desse conceito em diferentes formas de apreensão e de utilização do mesmo. Porém identificamos, que existem diferenças na forma de apropriação do espaço, instituídas pelas questões de gênero, os meninos realizam mais atividades pelos espaços do bairro, se associam com outros para andar de bicicleta e jogar bola, enquanto as meninas ficam restritas aos espaços privados, de suas casas quando muito de alguma colega. Podemos também identificar o papel dos aparelhos ideológicos mediando as percepções em relação ao espaço, porém não podemos negligenciar que esta apreensão da periferia, do espaço público em geral como algo hostil as meninas, também se refere ao fato que apesar da tenra idade muitas dessas meninas já vivenciam situações de assédio sexual e outras formas de violência perpetradas por uma sociedade patriarcal e misógina como a brasileira.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho tem como finalidade divulgar parte dos resultados e reflexões realizadas ao longo do processo de extensão do Projeto Memória em seu formato em Realidade Virtual, que nos serviu de aporte para o registro das memórias coletivas dos sujeitos periféricos situados na porção leste da capital paulista. A fim de influenciar os educandos, a refletir sobre a constituição de seus territórios, enquanto obra coletiva, instituída através das diferentes formas de associação dos moradores e trabalhadores, construímos uma sequência didática que contempla diferentes etapas de imersão nos territórios em que realizamos as oficinas, usando como base um jogo de cards com as fotografias produzidas no ano de 2018, como suporte para os debates, além de mapas pertencentes a estes localidades.

Apesar de termos essa intencionalidade em mente quando construímos a proposta didática para a realização das oficinas, estas acabaram tomando outras proporções, as reflexões se tornaram denúncias em relação às condições de vida nas periferias, sobretudo em relação a escassez de serviços públicos de qualidade, incluindo também as desigualdades sociais presentes nesses territórios. Uma estudante chegou a nos questionar "*como enxergar outras possibilidades, beleza no bairro se ainda existem pessoas que passam fome por aqui?*". Esta questão nos apresenta o tom das reflexões centradas na realidade dos bairros periféricos, o exercício didático para contemplação de novas possibilidades nem sempre foi possível, pois estas oficinas também se tornaram um momento de escuta, de acolhimento, sobretudo dos jovens que se encontram num período de incertezas e instabilidades.

Porém estas denúncias também constituem formas de manifestação da memória, e nos indicam as condições sociais dos moradores nas periferias nessa quadra histórica, mesmo após a chegada de serviços públicos a precariedade ainda marca o cotidiano destes - nos expressa também como o território periférico é apreendido em relação às suas ausências e não em relação às suas possibilidades, nos indicando ausência de referenciais que os possibilitem vislumbrar outras realidades, como resultado dos mecanismos de subordinação e desvalorização intrínsecos da memória dos trabalhadores numa sociedade de classes extremamente hierarquizada.

Por isso que o resgate do movimento histórico dos moradores do Jardim da Conquista se torna pertinente, não apenas como forma de valorização da memória coletiva, da luta social, mas como contraponto a uma hegemonia estigmatizante, como incentivo para os sujeitos assumirem seu dever histórico em prol de uma sociedade mais igualitária e justa, centradas nas formas de associação coletiva.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Valéria Tenório. **Jardim da Conquista: Segregação Urbana e Mobilização Social**. In: SARAU GOSTO DE CONQUISTA (org.). Jardim da Conquista – O Canto Poético. São Paulo: Secretaria da Cultura de São Paulo (VAI), 2014. 91-112.

BARBOSA, A.; FONSECA, N. (orgs.) **Criatividade Coletiva - Arte e Educação no Século XXI**. Editora Perspectiva: São Paulo SP: 2023.

CARRIL, Lourdes. **Quilombo, favela e periferia - a longa busca da cidadania**. São Paulo - SP: Annablume Editora, 2006.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2013.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **Contribuição para a Definição dos Conceitos de Periferia e Sujeitas e Sujeitos Periféricos**. In Novos Estudos CEBRAP (Dossiê Subjetividades Periféricas) 2020.

GOBBI, M. A. **Ocupações e infância: crianças, luta por moradia e culturas infantis na cidade de São Paulo**. *Crítica Educativa*, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 9–24, 2017. DOI: 10.22476/revcted.v2i2.93. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/93>. Acesso em: 20 jun. 2024.

KOWARICK, L. **A espoliação urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

KOWARICK, L. **Estudos Urbanos**. São Paulo: Editora 34, 2017.

MARICATO, E. “Autoconstrução, a arquitetura possível” MARICATO, E. (Org.). **A produção capitalista da casa (e da cidade)**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1982.

MOREIRA, Luiz Mauricio Franco. **SP Confia, utilização de capital social como substituto do colateral físico no mercado de microcrédito**. 2004. Dissertação (Mestrado em Teoria Econômica) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. doi:10.11606/D.12.2004.tde-03042024-135433. Acesso em: 2024-06-19.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. **Halbwachs: memória coletiva e experiência**. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 285-298, 1993. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771993000100013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 jun. 2024.

SCIFONI, S. **Subverter o patrimônio cultural: periferia e participação social**. *Terra Livre*, [S. l.], v. 2, n. 59, p. 592–620, 2023. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/2890>. Acesso em: 20 jun. 2024.

SOUSA, Adriano Jose de. **Cotidiano e lutas sociais na periferia de São Paulo: agentes históricos da urbanização de São Mateus**. 2021. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. doi:10.11606/D.8.2021.tde-24052022-160640. Acesso em: 19 jun. de 2024.

Links consultados:

G1 São Paulo. Músicas de sucesso dão nome a ruas de bairro em São Mateus. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/parceiro-sp/noticia/2014/02/musicas-de-sucesso-dao-nome-ruas-de-bairro-em-sao-mateus.html>. Acesso em: 15 jul. 2024